

Des-escrever para re-escrever: por uma ética descolonial em A hora da estrela

Marina Maura de Oliveira Noronha¹
Edgar César Nolasco²

Contradizendo Clarice, des-escrever aqui não me cansa, porque já faz parte de minha luta por uma libertação de um modo de pensar outro, sem o peso de uma tradição assentada na razão ocidental moderna. Des-escrever (na verdade como um re-escrever) aqui vem de documentos da cultura indígena em que se lê que “aprender a desaprender, para poder así re-aprender”.

NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir “arte”, senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era fazer alguma coisa, como se escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema da justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele e, sem me surpreender não consigo escrever.

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 217.

Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? (LISPECTOR, 2020, p. 09) Se isso me tem um sentido, ou não, vislumbro ao passo de entendimento suscitado a partir do título deste artigo – Des-escrever para re-escrever: por uma ética descolonial em *A hora da estrela*. Tendo por relevância os conceitos apostos, e a presença da obra *A hora da estrela* (2020) da intelectual Clarice Lispector. Ambos contribuintes para reflexão, ao passo de que minha opção teórica e conceitual feita a partir do lócus aqui denominado de fronteira-sul, é minha condição necessária para o sentido conceitual epistêmico que busco dar de re-escrita perpassada por uma ética descolonial compreendida por Walter Mignolo no seu livro “Habitar la frontera” em que o teórico pontua: que é preciso pararmos de *pensarmos que o que conta como conhecimento está em certas línguas e vem de certos lugares* (MIGNOLO, 2015, p. 193), ou seja, os saberes não se dão somente de um *lócus* e o corpo de sujeitos específicos.

A prática de teorização a caminho de compreensão, emerge do princípio para pensar uma re-escrita a partir de uma ética descolonial, tendo por relevância o fato de que a reflexão posta, implica o *corpo presente* situado de onde se pensa, nesse caso da

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens com o projeto “Escrevo com o corpo: (inter)corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector” pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do Grupo de pesquisa NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados. E-mail: marina.m.noronha@gmail.com.

² Professor Titular, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Ministra as disciplinas Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Graduação em Letras e Literatura Comparada e Teorias sem disciplina na Pós-Graduação Estudos de Linguagens. É coordenador do Grupo de pesquisa NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados. ecnolasco@uol.com.br.

fronteira-sul. Portanto, posto em prática um “conhecimento corporizado que manifesta-se em corpos vivos” (SANTOS, 2019, p. 136) como os corpos presentes em *A hora da estrela*, corrobora com a discussão conceitual aqui privilegiada por fazer parte de nossa Tese de Doutorado que estamos desenvolvendo no momento no âmbito do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS – PPGEL/UFMS.

Portanto, a leitura a partir da obra por uma re-escrita ética descolonial está atrelada a um saber/fazer *outro* para pensar o jogo de vozes/corpos que encenam pela minha aliada Clarice, em que a escritora evidencia uma escrita *outra* a partir do termo *escrevo com o corpo* (LISPECTOR, 2020, p. 14), tendo como mote um modo de descrever de Clarice, talvez por fora da literatura, mas dentro de uma realidade de re-existência atravessada por uma história narrada, presidida numa ética de um fazer/pensar e sentir com o corpo, que está no campo da descolonialidade, logo:

Com esta história eu vou me sensibilizar. [...] Eu não sou uma intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais (LISPECTOR, 2020, p. 14).

É nesse sentido que entendemos que a obra de Clarice é particularmente relevante para a discussão que ora propomos, aproximando-nos da história do livro na tentativa crítica de *des-escrevendo-o* (MIGNOLO) por meio dessa visada atual que nos permite fazer, por exemplo, a discussão de uma re-escrita proposta pela teorização descolonial. Não por acaso que um dos conceitos fundamentais proposto e defendido aqui pela epistemologia descolonial seja o de uma ética descolonial(MIGNOLO). Dentro de uma teorização fronteiriça, que coloca em cena uma opção descolonial que, por sua vez, fomenta o lugar e direito de uma “desobediência epistêmica” para pensar essa re-escrita que encena teoricamente na contracorrente do descrever encontrado na obra em estudo. *Grosso modo*, é sobre tal teorização que nosso artigo defende nesse texto se ancora e se abre para contemplar de forma mais satisfatória o que tratamos aqui.

Assim essa opção descolonial, por parte dessa re-escrita é do *escrever o que quero* (MIGNOLO) de base conceitual crítica faz parte de um desprendimento, de uma desaprendizagem e de uma descolonização. Resulta numa opção de vida, como afirma Walter Mignolo uma opção/mição de pensar e de fazer (MIGNOLO, 2017, 31) epistêmico, uma vez, que pensar descolonial está na contra corrente do conhecimento sob um domínio de ‘estudo’ (MIGNOLO, 2017, p. 31) reservado a condutores de um suposto saber, como vim, sinalizando. Aqui, quero esclarecer que minha opção está no campo da crítica teórica conceitual e sobretudo epistêmica, que rechaça o modo de pensar/saber e ser defendido pela retórica moderna assentado no *cogito cartesiano* do ser

pensante uni(co)versal, por isso, logo existe! em oposição minha opção de vida versa a presença das sensibilidade, refiro-me o corpo dos envolvidos na/da ação, que re-existe, por isso, logo pensa como meu corpo de pesquisadora fronteira, por exemplo.

Na base dessa teorização descolonial á luz da crítica biográfica fronteira³ (NOLASCO, 2015) desenvolvido pelo teórico Edgar C  zar Nolasco como um modo *outro* de pensar descolonial, a partir do corpo e o lugar dos envolvidos nessa a  o. Prossigo, desta feita, em uma op  o de trabalho a serviço de uma   tica e política do conhecimento que contribui com a presença do corpo com suas especificidades como alternativa para pensar *um mundo em que muitos mundos são possíveis* (MIGNOLO, 2010, p. 121) com um modo *outro* de pensar/saber/fazer *habitado na nossa própria fronteira, nossa própria língua, nossa própria memória, nossa própria   tica e nossa própria teoria*. (MIGNOLO, 2010, 121) Isso implicam a consciência, de que    necessário a presença incontest   das corpogr  fias⁴ dos sujeitos com suas histórias biográficas locais evitando assim a reinscri  o das estratégias de subalterniza  o (MIGNOLO, 2003, p.279) em *compartimentos estanques* organizado por uma   tica para pensar o mundo, nesse tocante ficou de fora o corpo, por conseguinte, o *lócus* e as epistemes dos exteriorizados.

Por isso, retomando o sentido conceitual do in  cio⁵, minha op  o/missão (MIGNOLO) guiada por uma   tica descolonial, expuga a compreensão no sentido do termo de Clarice, de que, *se as coisas acontecem antes de acontecer* a expressão poderia expandir-se para muitos outros lugares, talvez por (in)compreensão de que, seja talvez um pensamento até “inventado” ou por ser profundo demais. Mas, nas palavras inconfundíveis descrita pela intelectual: “aquilo que ainda vai ser depois –    agora”, expõe Clarice, pensamentos que ganham sentidos de que [p]ensar é um ato. Sentir    um fato (LISPECTOR, 2020, P. 09), logo, “se a história não existe, passará a existir” (LISPECTOR, 2020, p. 09) – por que preciso registrar os fatos antecedentes (LISPECTOR, 2020, p. 10). Lispector, ao narrar a história da pobre jovem alagoana, salienta que:

Não    confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, s   cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo, no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente as sociedade que muito reclamam de quem está neste instante

³ Recorte epistemológico que considera o *bios* e o *lócus* na constitui  o das teoriza  es

⁴ Explicar o que eu estou chamando de corpogr  fica

⁵ *Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?* (LISPECTOR, 2020, p. 09)

mesmo batendo à máquina. (LISPECTOR, 2020, p. 20)

Nesse caso, a sufocante história da nordestina Macabéa, requer a compreensão de *quem souber ler lerá* (SANTIAGO *apud* LISPECTOR, 2004, p. 32), não da perspectiva de um conhecimento entendido por um saber estabilizante assentado numa única forma para acessar o conhecimento, mas ao contrário um conhecimento que passa pela própria vida dos sujeitos, de “conhecimentos que estão presentes na resistência e na luta contra a opressão ou que delas surgem, conhecimentos que são, por isso, materializados, corporizados em concretos, coletivos ou individuais” (SANTOS, 2019, p. 135).

Ao refletir a partir dessa história da Macabéa, não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira (LISPECTOR, 2020, p.11). A história acontece em estado de emergência e de calamidade pública (LISPECTOR, 2020, p. 08). Trata-se do que *fica atrás do pensamento* com um modo *outro* de pensar/fazendo que transcende o modo de pensar/fazer moderno circunstanciado numa sociedade técnica onde a pessoa de quem falamos Clarice e eu “era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 2020, p. 26) “Macabéa simplesmente não era técnica” (LISPECTOR, 2020, p. 42). Nesse caso, o que faço aqui não é uma análise social simplesmente, mas uma leitura re-escrita epistemologicamente a partir da obra na tentativa de aproximar na medida do possível das sensibilidades de (in)consciência trazida por Clarice na obra, em que a autora para fazê-la adverte *transfigurar-se em outrem*, ou seja, se *materializar* escrever como o corpo essa história.

Entretanto, a vida dessa moça alagoana *é um soco no estômago* é a dor de muitos corpos que setem o peso da colonização. Por isso, tomo a partir da teorização fronteiriça que me encorpo por uma ética de libertação, assim como é sabido por todos nós, morrer é um instante (LISPECTOR, 2020, p. 78) assim também foi para nossa estrela heroína Macabéa *o futuro é colapsado no presente* (MBEMBE, 2018, p. 65) seu *gran finale*, a morte.

[...] na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um [...]
(LISPECTOR, 2020, p. 35)

A obra eleita, alude a abordagem conceitual em torno de um entendimento epistêmico, social e político perpassado por uma ética descolonial ao absolver que Clarice põe em prática em sua narrativa literária um “desescrever”, que a seu modo tange o que conceituei de re-escrever, como sinalizei antes. Esta discussão embasada na crítica biográfica fronteiriça teve como estofo uma teorização com a incontestável presença do corpo, do “bios” e do “lócus”, portanto, argumento que a prática do “descrever”

clariciano abre terreno para o “re-escrever” descolonial, *no sentido de teimar, de desobedecer* (NOLASCO, 2022, p. p/s) de forma não forçada, sobretudo quando observamos que na narrativa em *A hora da estrela*, Clarice escreve com o corpo advertindo-nos de que vários corpos e várias *personae* se encenam em seu lócus enunciativo e se inscrevem na escritura da obra.

O conceito de ética descolonial aqui brindado não apenas se erige a partir desse escrever com o corpo à la Clarice Lispector, mas também com o *escrever apenas o que se quer escrever* (MIGNOLO); e que talvez seja exatamente por isso que tal ética funde o modo de pensar próprio do pensamento descolonial (KUSCH) e que pode estar também no *pensamento presente* referenciado pela citação acima por (LISPECTOR). Lembrando que tal discussão não discuida, por nenhum momento da reflexão teórica e conceitual, e a presença da obra *A hora da estrela* esta, aliás, aqui inter-corporado *interconceitualmente* por mim.

Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo. (LISPECTOR, 2020, 33)

Portanto os conceitos de re-escrita e de ética descolonial no trabalho, faz todo sentido, uma vez que, entendo que minha condição é desencobrir o que meu corpo já sabia agora (NOLASCO, 2013, p. 13) porque só agora tendo eu consciência colonial⁶ perpassando por um pensamento ético descolonizado que *implica que os projetos estejam em histórias locais* (MIGNOLO, 2015, p. 360) e de corpo presente, assim escre(vi)vo o que eu quero, sobremaneira: o que parece falta de sentido – é o sentido (LISPECTOR, 1964, p. 22) da falta do que nos foram negado, o nosso corpo, nossa história local- biográfica e epistêmica.

Considerando a importância dessa teorização fronteiriça como minha opção, *que é também a opção descolonial* (MIGNOLO, 2015, p. 374) e por ter nessa empreitada epistêmica, ética e política a minha aliada Clarice Lispector ainda que não fora descolonial, mas aqui, eu me incorpo a Lispector e a Macabéa exatamente pela descolonialidade como *resposta necessária tanto às falácias [...] que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade* (MIGNOLO, 2017, p. 31). Subjaz, por trás desse movimento epistêmico que me permite pensar descolonialmente a re-escrita, sentida a partir do corpo posto em prática por um pensar próprio descolonial (KUSCH) liberto da razão ocidental/moderna um modo de pensar *outro* da perspectiva ética

⁶ Nesse caso, sendo consciente dessa situação, é a minha condição necessária do pensar fronteiriço descolonial (MIGNOLO, 2017. p. 20).

descolonial que, se manifesta pelo *corpo presente* (SANTIAGO, 2020) e somando-se a isso convoca-se o *bios*.

Desse modo, entendemos que a partir da teorização fronteiriça, podemos levar em conta tanto o que é da ordem do bios (vida), quanto da ordem do lócus enunciativo com o corpo presente. Posto isso, Nolasco conclui:

Uma teorização de ordem biográfica fronteiriça, como estou propondo aqui, não menospreza os saberes advindos da vida do local em questão, mesmo quando se tem consciência de que já existe toda uma articulação epistemológica outra pensada desses lugares outros que permaneceram no fora do sistema colonial moderno. (NOLASCO, 2015, p. 52)

Sob essa preteção epistêmica, optei para *escrever o que eu sinto e quero*, não por acaso por via de entendimento da reflexão me permite um pensamento *outro de descrever re-escrevendo* (NOLASCO, 2022, p. 26) *a dor de dentes que perpassa* (LISPECTOR, 2020, p. 10) o livro *A hora da estrela* de Clarice Lispector, posto ser ele o desencadeador de toda re-escrita sentida no corpo como minha própria dor e de muitos, que pertenceram e ainda pertencem assim como eu um sistema ocidental/moderno como forma de controle dos corpos, mentes, almas e o conhecimento que desconsidera o que eu preciso escrever.

Conclusão

Nesse sentido, o corpo de Rodrigo S.M, o corpo de Macabéa e o corpo da escritora Clarice Lispector podem ser entendidos como corpos fronteiriços. Justificando: Rodrigo S.M é um escritor subalterno, desconhecido, que precisa tratar de uma temática complexa, como a fome, e de um ser des-sujeitado como Macabéa, atravessada esta pelos legados coloniais, um ser desprezível e invisível, para ter alguma visibilidade como escritor na sociedade. Não por acaso que a figura (e lugar) que Macabéa ocupa dentro da sociedade brasileira (e da narrativa do livro) é correlato ao que o discurso descolonial diz acerca da “inexistência” e da “ignorância”. Sobre a condição e lugar do primeiro, Boaventura de Sousa Santos observa: “Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível.” (SANTOS, 2010, p. 32.) Não é demais lembrar que Macabéa não existe nem para seu próprio criador Rodrigo S.M. Na narrativa do livro, a morte, enquanto personagem principal, ocupa a cena e fecha a narrativa. Já sobre a “ignorância”, o mesmo Boaventura esclarece:

Não existe uma unidade de conhecimento, como não existe uma unidade de ignorância. As formas de ignorância são tão heterogêneas e interdependentes quanto as formas de conhecimento. [...] A ignorância só é uma forma desqualificada de ser e de fazer quando o que se aprende vale mais do que o que se esquece. (SANTOS, 2010, 56).

Já a escritora Clarice Lispector, se, por um lado, não precisava mais da notoriedade buscada por Rodrigo, por outro lado, permite, talvez pela primeira vez em toda sua vasta literatura, que o estudioso de sua obra a tome na chave do subalterno, ou melhor, do descolonial, ou fronteiriço. Portanto a proposição de tal re-escritura descolonial seja mais perceptível em *A hora da estrela*, por encontrarmos ali uma protagonista nordestina, mulher, pobre, mulata, subalterna e situada numa cidade toda feita contra ela.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte Biogeografia, Processos Criativos & a Covid-19* – Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro. ed. Autor, 1964.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro. ed. Record, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução: Renata Santini. 3ª Edição, São Paulo: n-1 edições, 2018

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, p.287-324, 2008. Disponível em: www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf. Acesso em: 20 de agosto. de 2022.

MIGNOLO Walter. *Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento: sobre descolonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica. In: MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: CIDOB, 2015, p. 173-189.

SANTIAGO, Silviano. Literatura e cultura de massa. In: SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 106-124.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

GIULIANO, Facundo. La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica. In: FACUNDO, Giuliano (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Cuidad Autónoma de Buenos

Aires: Ediciones del Signo, 2018, p. 11 - 74.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.